

## A vida íntima das sombras: a ordem do discurso biobibliográfico<sup>i</sup>

*The intimate life of the shadows: the order of the biobibliographic discourse*

**Diogo Xavier da Mata**

Mestrado em andamento em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

E-mail: [diogo.biblio@gmail.com](mailto:diogo.biblio@gmail.com)

**Gustavo Silva Saldanha**

Doutor em Ciência da Informação pelo IBICT/ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

E-mail: [saldanhaquim@gmail.com](mailto:saldanhaquim@gmail.com)

### Resumo

**Objetivo:** As fontes de informação biobibliográficas, artefatos socialmente produzidos, possibilitam a reunião de informações acerca de sujeitos que disputam poder no mesmo campo. O objetivo do estudo é desenvolver a problematização conceitual da noção de discurso biobibliográfico, com base na reflexão advinda da experiência teórico-metodológica em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), atravessando um percurso que vai dos dicionários biográficos aos currículos na web.

**Método:** Como reflexão filosófico-teórica, a pesquisa parte da “ordem do discurso” de Michel Foucault, para discutir a potencialidade conceitual da ideia de discurso biobibliográfico no campo científico, debatendo sua construção enquanto categoria analítico-discursiva para o campo informacional e sua aplicabilidade crítica no plano de uma filosofia do documento, reconhecida em trabalhos como de Bernd Frohmann e Michael Buckland. Como objeto da pesquisa empírica, a centralidade da investigação é dada pelas fontes de informação biobibliográficas que se referem a sujeitos ligados a um dado campo científico.

**Resultados:** A partir do reencontro com a metáfora de Píndaro, que representa o homem como sua sombra, o estudo atinge a objetivação biográfica metadocumental do ser, identificado, descrito, classificado e indexado através de suas informações dispostas bibliograficamente a partir da invenção da Modernidade. Os sujeitos e seus lastros materiais no espaço-tempo desafiam o discurso informacional substancialista, sendo documentados pelas vias de fixação e de conformação das fontes de informação biobibliográficas produzidas em consonância com um segundo discurso, este mais abrangente, que irá produzir o reflexo do sujeito.

**Conclusões:** As biobibliografias, reconhecidas como formações discursivas, ao serem utilizadas como forma de recenseamento, instituem ordenadamente aquilo que o sujeito deve ser ou se tornar. A ordem discurso biobibliográfico define aquilo com a qual ele deve sonhar, um rito de conformação do sujeito no campo científico. Cria-se com esse tipo de relacionamento uma forma de sujeição a estas fontes de informação.

**Palavras-chave:** Discurso biobibliográfico. Fontes de informação especializada. Autor. Campo científico. Biobibliografia.

### Abstract

**Objective:** Biobibliographic information sources, socially produced artifacts, enable the gathering of information about subjects who compete in the same field. The objective is to develop the conceptual problematization of biobibliographic discourse notion, based on the reflection derived from the theoretical-methodological experience in Library and Information Science (LIS), crossing a path that goes from biographical dictionaries to web curricula.

**Method:** As a philosophical-theoretical reflection, the research starts from Michel Foucault's "order of discourse" to discuss the conceptual potentiality of the idea of biobibliographic discourse in the scientific field, debating its construction as an analytical-discursive category for the informational field and its applicability critical in the plane of a philosophy of the document, recognized in works like Bernd Frohmann and Michael Buckland. In the empirical research, is given by biobibliographic information sources that refer to subjects linked to the scientific field.

**Results:** From the reencounter with Pindar's metaphor, which represents man as his shadow, the study reaches the biographic metadocumental objectification of being, identified, described, classified and indexed through its

information arranged bibliographically from the invention of Modernity. The subjects and their material records in space-time challenge the substantialist informational discourse, being documented by the ways of fixing and conformation of biobibliographic information sources produced in consonance with a second, more comprehensive discourse that will produce the reflection of the subject.

**Conclusions:** Biobibliographies, recognized as discursive formations, when used as a census form, orderly establish what the subject should be or become. The order of the biobibliographic discourse defines what he must dream about, a rite of conformation of the subject in the scientific field. It is created with this type of relationship a form of subjection to these sources of information.

**Keywords:** Biobibliographic discourse. Specialized Information Sources. Author. Scientific field. Biobibliography.

## 1. Introdução ao delírio biobibliográfico das sombras

“Criaturas de um dia, o que é alguém?  
O que é ninguém?  
O homem é o sonho de uma sombra”  
[Tradução de parte da oitava pítica das Odes de Píndaro].  
(PINDAR, 1915)

Em sua visita ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em setembro de 2016, Rafael Capurro debateu com docentes e discentes inúmeras questões no contexto das perspectivas de desenvolvimento de objetos científicos em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) no Brasil. Ao ser “provocado” sobre o conceito de fontes de informação biobibliográficas e seu lugar na epistemologia informacional, Capurro (2016) imediatamente mencionou Píndaro e o universo das sombras como forma direta de problematização e de reflexão sobre o dilema do discurso sobre os sujeitos, suas vidas e suas obras. O delineamento final, pois, deste objeto de estudo, nasce neste momento, neste diálogo.

O poeta Píndaro, que viveu cinco séculos antes de Cristo, escreveu suas odes em função de glorificar seus amigos gregos, pessoas de seu interesse pessoal. A oitava pítica, ou, poderíamos dizer, a oitava parte das Odes, coloca a seguinte pergunta “o que é alguém?”, ou ainda, “o que é ninguém?”. Estas questões são inquietantes desde o mundo grego, bem como a força do pensamento retórico, o amor à linguagem na Hélade. Conhecer alguém ou saber “quem” e “o que”, ou, ainda, compreender o sujeito pelo que ele “faz”, são questões pertinentes ao desenvolvimento de uma história da intersubjetividade e do discurso (sobre alguém, vivo ou morto) que repercutirá objetivamente na Modernidade.

Píndaro promove uma resposta muito curiosa, e dotada de uma máxima expressiva e angustiante: o homem não passa do sonho de uma sombra. Que sombra? Que homem? O homem ao ser tocado pela luminosidade, oferece resistência a esta, projetando, por

consequência, uma sombra em lado oposto à luz. A imagem de Píndaro, em grande medida, pode ser encontrada nas inquietações contemporâneas sobre o sujeito, o autor, sua vida, seus rastros (principalmente na web). São questões tais presentes nas discussões de Michel Foucault (1992) e de Roland Barthes (1988), bem como nas lições de uma perspectiva documental contemporânea em BCI, como em Bernd Frohmann (2004) e Michael Buckland (1991).

Para tratarmos de uma história subjetiva e crítica dos modos de concepção do indivíduo, com vistas a conhecê-lo em suas formas internas e coletivas, podemos observar algumas de suas interpretações discursivas. No plano científico-acadêmico, horizonte central do cenário bibliográfico de nosso objeto de estudo, encontramos Pierre Bourdieu e seu *Homo Academicus* (2013), indivíduo intelectual que ao se estabelecer no campo universitário passa a socializar-se através dos hábitos, atitudes e objetivos de grupo, e disputar espaço no mesmo campo. Visão simplificada da perspectiva bourdieusiana. Aqui encontramos a interpretação do homem enquanto sujeito em busca de conhecimento legitimado pelas instituições acadêmicas.

Eis, na proposta bourdieusiana (BOURDIEU, 2012), um modo de compreender um dado sujeito em sua experiência intersubjetiva. Podemos aqui retomar o poema de Píndaro: o homem é o sonho da sombra, que é a projeção da luz ao tocá-lo – ou o conjunto de rastros que ali vão se formando, a princípio voláteis, mas passíveis de reconhecimento. A luz, por sua via, é interpretada como discurso ou fonte teórica, que tomamos para interpretar o indivíduo. A luz o disciplina, força o indivíduo a disputar espaço, subjuga-o; a luz o enquadra ao discurso, à vontade de verdade presente nas relações de poder que tecem as validades. A sombra, a representação do corpo humano tocado pela luz, é o produto entre o discurso e o sujeito, aquilo que o discurso subjetivou àquele, um indivíduo subjetivado pela luz, condicionado, forma ideal de sujeição, e manifestado por listas e listas (meta)documentais.

No plano da epistemologia informacional, de um lado, a partir de Norman Roberts (1976), este sujeito se entende aqui por um sujeito informacional em contextos sociais específicos, de outro, da perspectiva da filosofia da informação frohmanniana (FROHMANN, 2011, 2004) reconhecida estruturalmente como uma filosofia do documento, temos a flagrante manifestação da materialidade. Retomando o entendimento de Píndaro, o homem (indivíduo/sujeito) impactado pela pergunta “o que é?”, faz surgir uma faceta objetiva, em detrimento à sua característica subjetiva “quem é?”. O que é o indivíduo? Um certo conjunto de sombras...? Exatamente estas são as perguntas que regem as fontes que almejamos estudar,

a objetivação biográfica material do ser na linguagem, selecionado, classificado, catalogado e indexado através de suas informações dispostas bibliograficamente.

Enquanto o sujeito tece sua vida (aqui estamos considerando as múltiplas facetas vivenciadas pelo sujeito, como a do trabalho, familiar, acadêmica, política, cultural...) balizada em sua intersubjetividade, a informação sobre si (entendida de forma ampla) o documenta, o objetiva, através das fontes que o relaciona com outros sujeitos igualmente objetivados. A luz, ao “tocar” o próprio sujeito, delinea uma sombra, que guarda relação particular com o indivíduo, a sombra que só a ele pertence. No entanto, a assertiva de Píndaro nos coloca a pensar que ao projetar essa sombra passamos a ser o sonho (a subjetivação) da própria sombra, produto simbólico da equação intersubjetiva entre o discurso informacional e a nossa sujeição no mundo social. Quanto mais vinculados à luz, mais condicionados, mais o sonho da sombra se realiza e se materializa em um sujeito disciplinado. Um misto correspondente entre subjetivação e objetivação. O eu-sujeito produz a sombra através do encontro com a luz, a sombra que se cria é o seu reflexo, passa a ser a sombra que sonha o sujeito ideal que ela deve ser: um ciclo do simbólico ao simbólico.

Este eu-sujeito e seus lastros materiais no espaço-tempo desafiam o discurso informacional substancializado – crítica da tradição neodocumental, como em Frohmann (2004), sendo documentado pelas vias de fixação e de conformação às fontes de informação biobibliográficas. Estas são produzidas em consonância com um segundo discurso, este mais abrangente, que irá produzir o sujeito que sonha um dia ser. Do ponto de vista capurriano, se compreendermos a fundamentação filosófica dos estudos informacionais a partir da Retórica (CAPURRO, 1992), estamos diante de um tipo objeto constituído sob processos hermenêuticos (do ponto de vista dos rastros e do ponto de vista de suas interpretações). Trata-se de um vasto cenário discursivo que se abre diante na perspectiva da intersubjetividade de busca pela compreensão do outro, e posiciona o campo informacional no cerne de uma filosofia simbólica.

Como cenário empírico de pesquisa, temos aqui as fontes de informação biobibliográficas que se referem a sujeitos ligados ao campo científico. Pesquisadores, estudantes, orientandos, orientadores, bolsistas e técnicos, são exemplos de subjetivações dos sujeitos que estão envolvidos com atividades científicas acadêmicas. O objetivo pesquisa, neste sentido, é desenvolver a problematização conceitual acerca das fontes de informação biobibliográficas, com foco na elaboração da noção discurso biobibliográfico e suas implicações, partindo da reflexão advinda da experiência teórico-metodológica em

Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI). No plano teórico, a partir da ordem do discurso de Michel Foucault (1996, 1992), intencionamos posicionar o discurso biobibliográfico no campo científico, discutindo sua construção conceitual e sua aplicabilidade no plano da filosofia contemporânea do documento.

As fontes de informação biobibliográficas, artefatos do mundo social e, logo, socialmente produzidas, para usar o olhar sociológico de Berger e Luckman (2005), possibilitam a reunião de informações acerca de sujeitos que disputam espaço e poder no mesmo campo, gerando assim indicadores. Essas fontes de informação são pensadas a partir de uma vontade de saber, uma vontade de verdade interessada, acerca dos sujeitos a quem elas se referem. Esses indicadores são valorados e passam a ser um importante fator de decisão para gestão de investimentos em ciência e tecnologia. O discurso que produz tais fontes elabora, também, intersubjetivações, as quais os sujeitos tentam assumir-defender-reproduzir na tentativa de se fazerem bem representar em tais fontes, em tais documentos. O sujeito passa a se condicionar às fontes biobibliográficas que o avaliam, num desejo de documentar-se e de visibilizar-se a partir de tais sombras. Essas importantes fontes no cenário científico carecem de estudos que as posicionem socialmente dentro do campo enquanto conceitos de maneira igual socialmente constituídos.

Para tanto, trataremos de debater noções centrais sobre fontes de informação especializada e sua historicidade. Desenvolveremos de forma sucinta as colocações sobre discurso e ordem do discurso formuladas por Foucault (1996), e as questões sobre o autor trazidas por Barthes (1988) bem como Bourdieu (2013, 2012). Por fim, buscaremos discorrer sobre as implicações que tal discurso pode provocar nos processos de subjetivação e objetivação destes sujeitos no plano sociopolítico.

## 2. A invenção do autor e as fontes biobibliográficas

Conforme Barthes (1988), o autor é uma invenção moderna, ligada às grandes etapas históricas e correntes filosóficas, como o fim da Idade Média, o empirismo inglês, o racionalismo francês, a ética protestante. A noção de sujeito, correlacionada à ideia de liberdade, a partir do ponto de vista da autoria está, pois, condicionada a um olhar do mundo mercantil, de onde parte o universo do capital individual. Eis o nascimento do prestígio, grande moeda de formação do capital simbólico, em termos bourdieusianos (BOURDIEU, 2013, 2012). É no entorno do desenvolvimento de uma história do prestígio em conformações do campo acadêmico-científico que apareceram as formas documentais de materialização do discurso biobibliográfico e suas fontes, seus rastros, a estamperia metadocumental de suas sombras.

Definir as fontes de informação biobibliográficas trata-se de estruturar um conceito a partir das indicações existentes em obras publicadas no campo da BCI. A primeira definição estrutural retiramos do Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia:

[...] estudo da vida e das obras de um autor, as quais são referenciadas de acordo com as normas bibliográficas; em geral, inclui a referência dos textos críticos sobre o autor e suas obras. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 56).

A definição nos traz uma concepção bem ampla e, ao mesmo tempo, direta, do que seria a biobibliografia. Segundo os autores, a biobibliografia é vista como uma forma de estudo. O conceito de fonte de informação biográfica está no conjunto das definições que se apresenta ao no âmbito do espectro biobibliográfico, sendo evidente, e já explicitado na literatura, a relação entre estas fontes. Ele está, no campo científico, estruturalmente ligado ao universo do autor. Este sujeito histórico é responsável pela multiplicação de instrumentos de representação e de noções de biografia e suas variações. Como lembra Barthes (1988, s.p.),

O *autor* reina ainda nos manuais de história literária, nas biografias de escritores, nas entrevistas dos periódicos, e na própria consciência dos literatos, ciosos por juntar, graças ao seu diário íntimo, a pessoa e a obra; a imagem da literatura que se pode encontrar na cultura corrente está tiranicamente centralizada no autor, sua pessoa, sua história, seus gostos, suas paixões.

Biografia, segundo Cunha (2010, p. 63), é “o tipo de documento ou fonte de informação que relata a vida ou a atividade de alguém”. As biografias podem ser classificadas de acordo com as atividades do biografado (gerais ou especializadas), nacionalidade do biografado (locais, nacionais, regionais ou internacionais), período de cobertura (retrospectivo, atuais ou

mistas) ou por forma de arranjo (alfabética, sistemas classificatórios, ordem cronológica, por especialização ou profissão, ou ainda, um arranjo misto).

Existem muitos tipos materiais que podemos considerar como fontes de informação biográficas. As autobiografias, os diários, as memórias e os epistolários são tipos de fontes biográficas caracterizadas pela fala em primeira pessoa, o próprio autor escreve acerca de si, são chamadas literaturas pessoais. Esse tipo de documento, geralmente, são fontes positivas de dados e informações relativas a apenas uma pessoa, o próprio indivíduo que escreve. No foco deste gesto, Foucault (1992) trata da escrita de si como um processo estético da existência. Para o filósofo francês essa prática permite uma discussão, uma reflexão acerca de si mesmo, permitindo uma análise do próprio passado e traçar objetivos futuros.

Outros tipos de fontes biográficas, tidas como as mais comuns, são as enciclopédias, os dicionários biográficos e os repertórios. Segundo Cunha (2010), as enciclopédias trazem informações sobre a vida e as atividades de indivíduos que se destacaram no passado ou na atualidade, no entanto, o foco deste tipo de fonte são os indivíduos já falecidos. Já os dicionários biográficos, segundo o mesmo autor, “é a fonte de referência que relaciona nomes de pessoas em ordem alfabética e fornece dados sobre suas vidas e atividades.” (2010, p. 66). Por fim os diretórios, também chamados de cadastros, guias de profissionais ou *Who's who*, geralmente são utilizados para indicar pessoas/especialistas do presente. (CUNHA, 2010)

Os diretórios, em especial os chamados *Who's who*, e os dicionários biográficos são obras de referência que merecem maior dedicação, conforme o objetivo da discussão. Paul Otlet (1934) define o “Quem é quem” (tradução literal do inglês *Who's who*) como um tipo de anuário, ou seja, essa obra de referência deveria se atualizar anualmente. Essa proposição otletiana é muito válida e assertiva ainda nos dias atuais, uma vez constatada ser comum o uso deste tipo de fonte com foco em uma atualização contínua que seja capaz de acompanhar a realidade do biografado. As questões acerca da atualização das obras sempre foram horizonte de discussão e problemática no mundo pré-web. O entendimento de Cunha (2010) parece estar conformado à visão de Otlet (1934), no sentido de que ambos os autores entendem que estas fontes dizem respeito às pessoas da atualidade. Além disso, o *Traité* de Otlet (1934) o compara a um *curriculum vitae*, tendo em vista que apresenta informações como funções, títulos, dados pessoais e contatos. Esse biodiscurso sobre o sujeito histórico que age, produz e registra seu conhecimento é, pois, como verificou a interpretação otletiana, um modo de materialização que se efetiva em diferentes condições, formatos, critérios, indo dos relatos de vida aos currículos

propriamente ditos. No âmbito dos usos e das repercussões de tal discurso, Caldeira (1983) enfatiza a importância dos diretórios de pessoas como fontes para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. O pesquisador se aproxima das definições apresentadas, julgando o diretório como uma fonte de dados sobre profissionais de uma área.

Acerca dos dicionários biográficos podemos defini-los como fontes de referência que trazem uma relação de nomes de pessoas em ordem alfabética, e oferecem dados sobre suas vidas e atividades (CUNHA, 2010). Ao consultar o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, o verbete “Dicionário” traz, além de outras, as seguintes definições:

[dicionário] **biobibliográfico** *biobibliographica dictionary* o que registra não somente a biografia, mas, também, a bibliografia de um ou vários autores [...]  
[dicionário] **biográfico** *biographical dictionary, who's who* o que relaciona nomes de pessoas em ordem alfabética e fornece dados sobre suas vidas e atividades. (CUNHA, CAVALCANTI, 2008, p. 123, grifo nosso).

Com essa definição percebemos que existe uma peculiar diferença no entendimento entre biografia e biobibliografia. A biobibliografia, segundo os autores, apresenta dados biográficos, mas também inclui a bibliografia de um ou vários autores, na maioria das vezes tece uma relação entre indivíduos. As fontes de informação biobibliográfica possuem um caráter técnico mais verticalizado do que as fontes biográficas; aquelas são padronizadas, utilizam descritores e são passíveis de algum tipo de atualização, já estas se enquadram no contexto das produções textuais narrativas, sem um padrão, sem descritores e comumente não possuem atualizações e, sim, versões. Viana e Marques Júnior (2008) indicam ainda que os dicionários biográficos são fontes de informação sobre a vida de pessoas, que podem ser utilizados para avaliação da contribuição e da atuação de determinado sujeito para uma dada área.

Ao evidenciar todas estas definições acabamos por salientar pontos pacíficos e pontos destoantes entre os autores supracitados. O principal “ponto de conflito” entre as definições é a classificação do tipo de fonte na qual estaria inserido o *Who's who*, ora tratado por anuário, ora por diretório e em outro momento por um dicionário biográfico – exercício aberto de definição que sobreleva a fragilidade conceitual destas fontes. Do ponto de vista histórico, conforme Malclès (1967, 1969), os primeiros repertórios pareciam muito dicionários biográficos, que aqui estamos tratando como pertencentes ao gênero biobibliográfico.

Tendo em vista o exposto, parece-nos coerente abordar estas fontes pelo conceito mais geral, com o intuito de reuni-las sobre um mesmo termo. Se as biografias trazem dados sobre a vida e atividades, enquanto biobibliografias, além desses dados, acrescentam a bibliografia dos



indivíduos, parece-nos coerente reconhecer no espaço-tempo do campo científico um conjunto de fontes biográficas contidas no escopo do conceito de fontes biobibliográficas. Está em jogo, pois, o autor, sua vida, seus lastros metadocumentais.

No plano histórico, o advento da prensa gutenberguiana provocou a busca de soluções para problemas como a profusão de livros e a dificuldade em atribuir valores às obras publicadas (BURKE, 2002). A Modernidade apontada por Barthes (1998) como central para o desenvolvimento de uma cultura de consagração do autor tem nesses instrumentos uma das condições simbólico-materiais centrais para tal atividade de inferência hegemônica. As bibliografias se apresentam como forma de solucionar alguns problemas vividos no século XVI. Junto às bibliografias apareceram outras fontes de referência que auxiliavam ao bibliotecário e qualquer consulente a possuir um certo “controle” sobre as obras e recupera-las em um universo documental.

Às bibliografias logo se juntaram estantes de outros livros de referência. Tinham títulos tais como "castelo", "compêndio", "*corpus*", "catálogo", "floresta", "inventário", biblioteca", "espelho", "repertório", "teatro" ou "tesouro", e ofereciam informações sobre palavras (dicionários), **peçoas (dicionários biográficos)**, lugares (dicionários geográficos e atlas), datas (cronologias) e coisas (enciclopédias). (BURKE, 2002, p. 178-179, grifo nosso)

Essas fontes de informação, ou ainda, essas obras de referência, permanecem presentes no cenário bibliográfico moderno. A *web* as fez mudar de formato, mas os problemas e os objetivos destas obras se reafirmam com os ambientes em rede. Ao longo do século XX, a centralidade ocupada pela ciência na enunciação de discursos ditos verdadeiros, exprimiu uma necessidade de ordenamento daquilo que se produz e sobre quem produz, e quando e onde o faz. Assim como à época dos dicionários biográficos, paralelamente existe uma necessidade, no discurso científico, de “controle” da produção dos autores, ou do espectro de suas sombras.

As fontes de informação biobibliográficas são adotadas, pois, no mundo científico, para o inventário da sua produção e para controle autoral. São exemplos de fontes brasileiras contemporâneas, o Sistema Lattes e a Plataforma Sucupira, e, no âmbito internacional, o Orcid. A recente integração do Orcid ao Currículo Lattes, em agosto de 2016, demonstra uma certa afluência nos objetivos das duas fontes. O recenseamento e a medição dessas informações retiradas das fontes biobibliográficas são utilizados como modo de produção de indicadores. Por sua vez, esses indicadores constituem base para tomada de decisões acerca de investimentos e reconhecimento em pesquisa científica, tecnológica e de inovação. Ou seja, em outros termos,

o discurso biobibliográfico presente em tais fontes é um dos focos e uma das fontes de uma dada economia dos lastros biográficos.

As biobibliografias nascem, pois, buscando responder primeiramente “Quem é esse autor?”, e conseqüentemente “O que ele fez? O que ele escreveu? O que ele publicou?”. Tratava-se de um controle biobibliográfico para a biblioteca e para o bibliotecário, e, posteriormente, ao consulente. Na atualidade, estas fontes são, em síntese, importantes dispositivos para a economia e a política científica nacional pautadas na ideia de uma documentalidade do sujeito da academia e da ciência. Em outros termos, se o “império do autor” tecido ao longo da Modernidade (visto por Barthes (1988) como passível de derrocada, desde indícios do século XIX com o poeta Mallarmé, na França, colocando a linguagem como aquela quem fala, e não o autor), existe dentro do próprio campo científico (um dos tantos campos investigados pela crítica simbólica bourdieusiana) uma política de segurança moral contra o assassinato do autor. A profetizada morte da autoria, pois, concorre com instrumentos, como as biobibliografias, que nascem, no plano de um extrato de biopoder manifesto na visão foucaultiana, como marca de permanente reconsagração do autor na arena das lutas acadêmicas.

Deste modo, as biobibliografias fazem parte do mundo bibliográfico a partir da reunião de informações sobre indivíduos, arroladas bibliograficamente a partir de uma característica em comum. A materialização destes dados, seus critérios de seleção e de inclusão, suas formas de arranjo e de extensão dos descritores e dos qualificadores dos sujeitos, fundamentam a construção de tal política de segurança da vida do autor no campo científico – em outros termos, trata-se de fazer proliferar e preservar a(s) sua(s) sombra(s). Em termos pontuais,

La finalidad de los repertorios bio-bibliográficos es reunir las noticias de los escritos de uno o más autores unidos por una característica personal común de lugar de nacimiento o procedencia, sexo, raza, profesión, etc. Al estudio bibliográfico de y sobre el autor (bio-bibliografías individuales) o autores (bio-bibliografías colectivas), se une el biográfico, breve reseña de los aspectos más relevantes de la vida del autor. En el caso de las bio-bibliografías individuales en las que se ofrece un estudio biográfico más profundo y riguroso, la metodología y las fuentes de información a consultar varían. (DÍEZ MÉNGUEZ, 2000, p. 68)

As biobibliografias, de uma maneira geral, foram sendo apropriadas nos diversos contextos e domínios sociais ensejando que estas adquirissem peculiaridades inerentes a cada domínio. Esses domínios e contextos são regidos, se adotarmos a visão foucaultiana, pelo discurso de cada terreno em que se aplique – ou seja, tal política contra o assassinado do autor no campo científico se desenvolve a partir de um conjunto de formas de instrumentação da máquina de proteção de nomes próprios e de seus qualificadores numéricos e verbais (listas de

publicações e suas denominações, por exemplo, ou listas de distinções e de premiações, como discutido na crítica bourdieusiana ao *homo academicus*) através de ordenações e de enunciados, mecanismos de conformação e de perpetuação de um dado grupo social.

### 3. A ordem do discurso biobibliográfico: a construção de um conceito e seus territórios circunscritos do *Who's who* ao ORCID

Uma filosofia da informação fundamenta-se em uma filosofia da documentação. [...] Tais propriedades encaixam-se em quatro categorias gerais: sua materialidade; seus lugares institucionais; os modos como são socialmente disciplinadas; e sua contingência histórica. (FROHMANN, 2004, p. 406)

A apropriação otletiana realizada por teóricos contemporâneos, como Buckland (1991), nos apresenta distintas trajetórias de interpretação do documento. Na visão de Frohmann (2004), trata-se de pensar uma filosofia da informação como, fundamentalmente, uma filosofia do documento. Dentre as possibilidades interpretativas desta corrente, encontramos a perspectiva de aproximação da noção de discurso no contexto da epistemologia em BCI. Para Buckland (1991) esta relação se dá, de modo claro, ao percebermos que a maioria dos documentos investigados em BCI atua sob o uso convencional de palavras, como livros, cartas, revistas. Diagramas, mapas, imagens, gravações sonoras poderiam igualmente ser compreendidos como um universo de sentidos a partir das relações morfológicas, dada a presença intensiva da palavra.

Nesta reflexão, Buckland (1991) compreende o potencial da noção de discurso na centralidade epistemológica em BCI, ou seja, uma das formas de caracterizar estas entidades artefactuais seria trata-las como discursos ou representações. Para o teórico, nós podemos dividir objetos destinados a constituir discursos propriamente ditos (como os livros), e artefatos que não eram, a princípio, destinados para tal (como navios), e objetos que não são artefatos (como antílopes). Os usos, no entanto, podem demonstrar que essa divisão é provisória, contextual, contingencial – pode-se, conforme o exemplo do autor, perceber que um livro foi usado como peso para uma porta. Se partirmos para a amplitude na noção de discurso, no entanto, temos aqui um importante modo de compreensão da questão biobibliográfica, esta, por sua vez, localizada na divisão bucklandiana como algo produzido para tal, ou seja, como uma “coisa” ou uma sombra voltada para a constituição discursiva.

Para Foucault (1996), o discurso é uma forma de representação cultural da realidade social em dado momento. O discurso produzido historicamente, apesar de ser de ordem material, e não metafísica, depende de imbricações *a priori*, ou seja, contextos de enunciação. Essas imbricações seriam fruto das relações de poder existentes entre saberes já estabelecidos socialmente. O discurso não é estático; ele se altera com o passar do tempo. De maneira geral, o discurso é a unidade de enunciados vigentes. Essa unidade é entendida, por Foucault, como uma formação discursiva. Ou seja, a formação discursiva é o encadeamento de enunciados amplamente aceitos pela comunidade, e que irá evidenciar o discurso social que se imprime sobre a sociedade naquele momento. (FOUCAULT, 2008).

O discurso, conforme a visão foucaultiana, guarda íntimas relações com o sentido de verdade para a comunidade discursiva, ou para o indivíduo que se sujeita ao discurso. A verdade é normatizada, é entendida, é percebida e é concedida a enunciados que estejam em conformidade com o entendimento discursivo social – ou o *apriorismo* contingencial. Esse entendimento pode ser observado nos últimos trabalhos foucaultianos, onde se questiona a verdade e a estética da existência.

Foucault (1996) busca ali entender como o sujeito é produzido pelos discursos percebidos como verdadeiros pela sociedade. Através destes discursos o sujeito modela sua forma de pensar, de agir, sua moral, sua ética, seu saber, seus gostos e desgostos. Ou seja, no pensamento foucaultiano o discurso está sempre de maneira mais ou menos influente na realidade do sujeito, mas sempre presente.

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (FOUCAULT, 2008, p. 31)

Entender as formas em que esses discursos são produzidos é exercício da análise do discurso. A ordem do discurso em Foucault (1996) é compreendida justamente como o conjunto de mecanismos que permitem a vigilância discursiva, as formas de controle e censura da fala. Tais mecanismos são divididos em sistemas de exclusão e procedimentos de exclusão, este exercido internamente e aquele é exterior ao discurso. Os procedimentos de exclusão são a interdição do discurso, a separação e a vontade de verdade, que exercem poder sob os enunciados pronunciados. A interdição trata de tipo de censura que impede a fala. A separação é o procedimento que age sobre o indivíduo, o excluindo da sociedade discursiva.

O discurso não considera como verdadeiros os enunciados dos excluídos. A vontade de verdade trata de tipo de coerção presente nos dois procedimentos anteriores. Trata-se de classificar o que é verdadeiro, o que é relevante ou não. Segundo Foucault (1996) esses procedimentos agem sob o discurso controlando seus modos de aparecimento, de sujeição dos indivíduos, de dispersão, de descontinuidade e de retomada.

Se pensarmos em uma genealogia focaultiana do discurso, onde os objetos são produzidos pelo próprio gesto discursivo, compreendemos que a origem das fontes biobibliográficas está alicerçada pelas dificuldades encontradas pelos bibliotecários à época, como esclarece Burke (2002), mas fundada dialeticamente no conjunto de fatores sócio-históricos registrados no início da Modernidade, como indica Barthes (1988). A Modernidade, intimamente relacionada ao desenvolvimento do discurso científico e sua “consagração” no século XVIII, tem, pois, no discurso biobibliográfico uma de suas ferramentas mais estratégicas, ao mesmo tempo em que ele, o discurso biobibliográfico, é um dos fatores diretos do delineamento de grande parte dos engendramentos daquilo que se diz moderno, principalmente no contexto de contribuição na invenção da ideia de homem e de sua experiência singular-individualista.

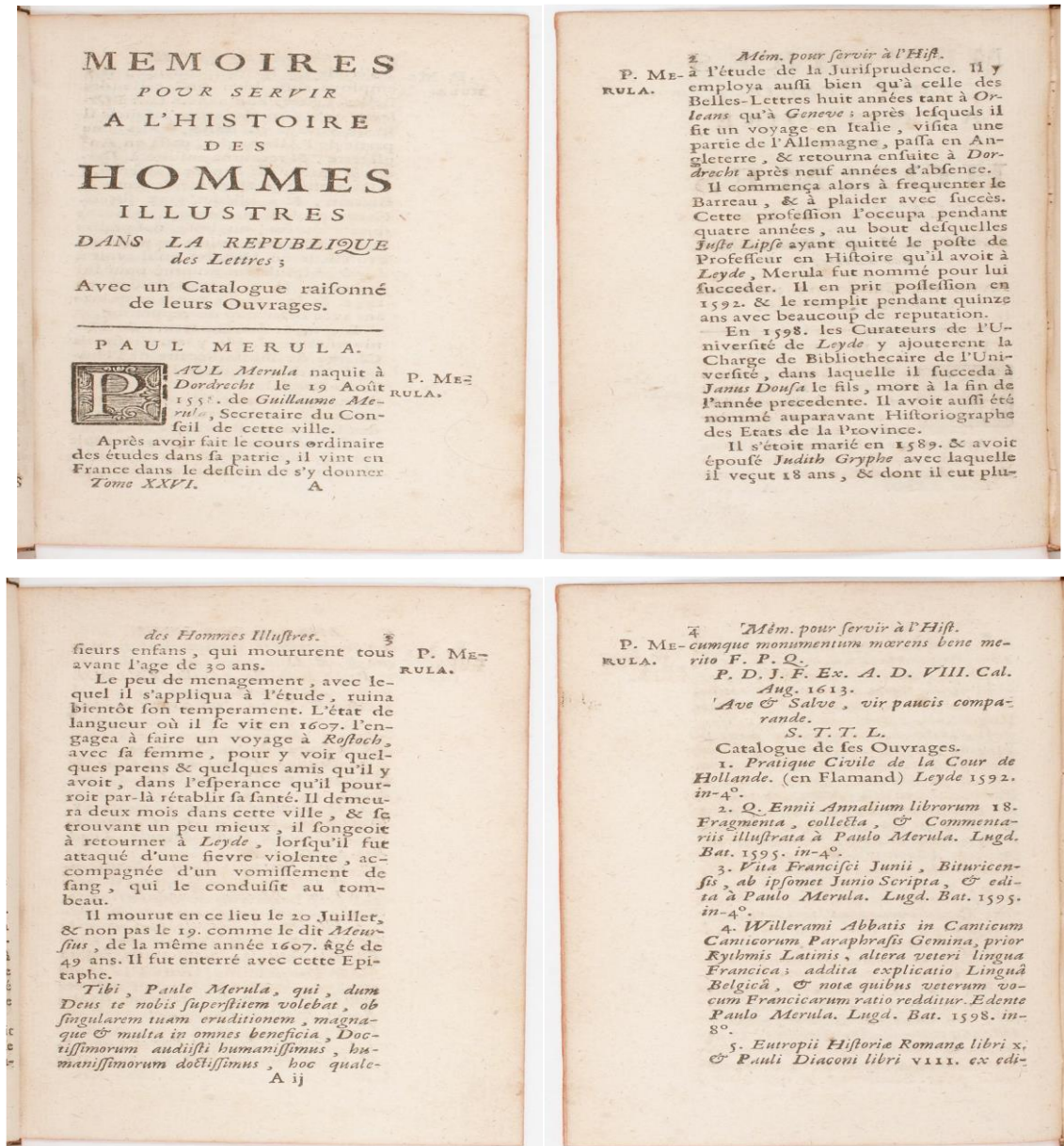
Desta feitura histórica aos dias atuais, o discurso biobibliográfico dentro do campo científico, produziu instrumentos que permitissem o controle de quem produz a própria fala da ciência. Esses instrumentos correm pela via informacional participantes de um jogo entre luzes, resistência e sombras, estruturados em uma relação de redes bibliográficas (metainformações e metadocumentos, ou seja, nomes próprios, endereços e publicações dentro de diretórios de pessoas, por exemplo) para sustentar a força da verdade de um dado campo.

É relevante, pois, para a reflexão sobre o discurso biobibliográfico, discutir como estão sendo construídos esses artefatos discursivos (Currículo Lattes; Orcid; Diretórios; *Chambers*; entre outros), que interesses ou anseios sociais e/ou particulares estão correspondendo, além de esgrimir as formas e maneiras em que essas fontes tem se materializado. É dessa maneira que propomos que o discurso é um fator de grande influência sobre a importância dada ao autor/pesquisador, sobre a posição que ocupa no cenário discursivo, materializado nas fontes biobibliográficas. Essa constatação nos parece justificável ao observar a expressiva vontade do sujeito em se (meta)documentar, se colocar na forma legitimada pelas fontes biobibliográficas, gerando assim uma ansiedade, um desejo, em ser o sujeito sonhado pela biobibliografia em que se insere.

Os enunciados não são livremente criados ou “ditos” por sujeitos de forma livre. Pelo contrário, o discurso possui uma ordem, possui um regramento que formata e que pole os enunciados. Essa ordem determina, justamente, o que pode ser dito, o que é válido, o que está dentro de um horizonte discursivo verdadeiro, e conseqüentemente o que é negado. No terreno estrito das reflexões em BCI, podemos vislumbrar um horizonte fenomenológico que nos direciona à mensurabilidade informacional em nossa realidade. Este aparato, sem dúvida, é palatável devido a uma estrutura fundamentalmente documental. As instituições e a rede de documentos bibliograficamente disposta provocam a ideia de controle e organização social da realidade social, cultural e econômica, condição mais facilmente visualizada desde a publicação do *Traité* de Paul Otlet.

Ao abordarmos as práticas documentárias, seguindo Frohmann (2008), intérprete da teoria otletiana, voltamos a discutir os processos de produção, uso e controle destes documentos. Suas propriedades são pontos de debate para a problematização de suas ordens e de seus impactos na realidade social produzida por essa rede documental. Colocamos, portanto, as questões acerca da materialidade das fontes biobibliográficas no campo científico, seus locais de fala institucionalizados, ou ainda, a institucionalização centralizada das ditas fontes, a disciplina social de seus usos. Trata-se de discutir a técnica para lidar com essas fontes, a aceitação, a resistência (tendo em vista que toda relação de poder gera resistência), as medidas disciplinares impostas pela ordem discursiva, e ainda a historicidade das fontes biobibliográficas na vida social dos sujeitos nos diversos âmbitos sociais em que as percebemos.

A materialidade documental das fontes biobibliográficas científicas pode ser observada historicamente a partir da presença de tais instrumentos no decorrer dos últimos séculos. O termo “Bio-bibliographie” no contexto francófono, a partir da Gallica (Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional da França) identifica o conjunto de publicações de cunho biobibliográfico a partir do século XVIII. Tomemos como amostra obra *Mémoires pour servir à l’histoire des hommes illustres dans la republique des lettres* de Jean Pierre Nicéron. A obra (Figura 1), publicada em meados do século XVIII, conta com 43 tomos em 24 volumes, e contém índice alfabético de autores biobibliografados. Para cada autor é apresentado um resumo biográfico e uma lista bibliográfica de suas obras.

**Figura 1 – Fonte Biobibliográfica do século XVIII.**


Fonte: NICERON, 1734.

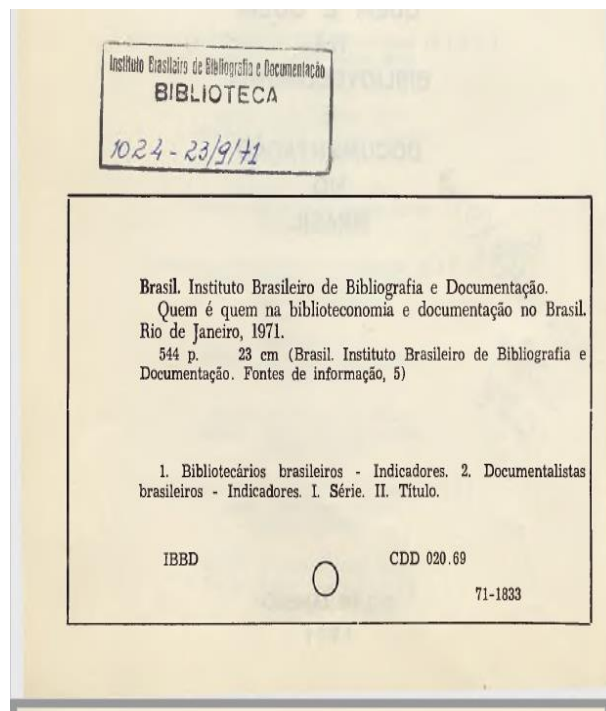
A materialidade desta fonte de informação e suas metainformações indica uma preocupação histórica com o registro de informações de sujeitos e seus escritos. Para além da documentalidade desinteressada, esta fonte de informação nomeia seus biobibliografados como homens ilustres, evidenciando critérios seletivos de presença e ausência de outros autores.

No século XX, não mais o controle bibliográfico das bibliotecas, mas sim o controle de produção científica evoca a necessidade de bibliografias especializadas. No Brasil o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) produzirá bibliografias especializadas em

prol do desenvolvimento científico brasileiro. Dentre estas publicações, podemos encontrar o “Quem é quem na biblioteconomia e documentação no Brasil” (BRASIL, 1971).

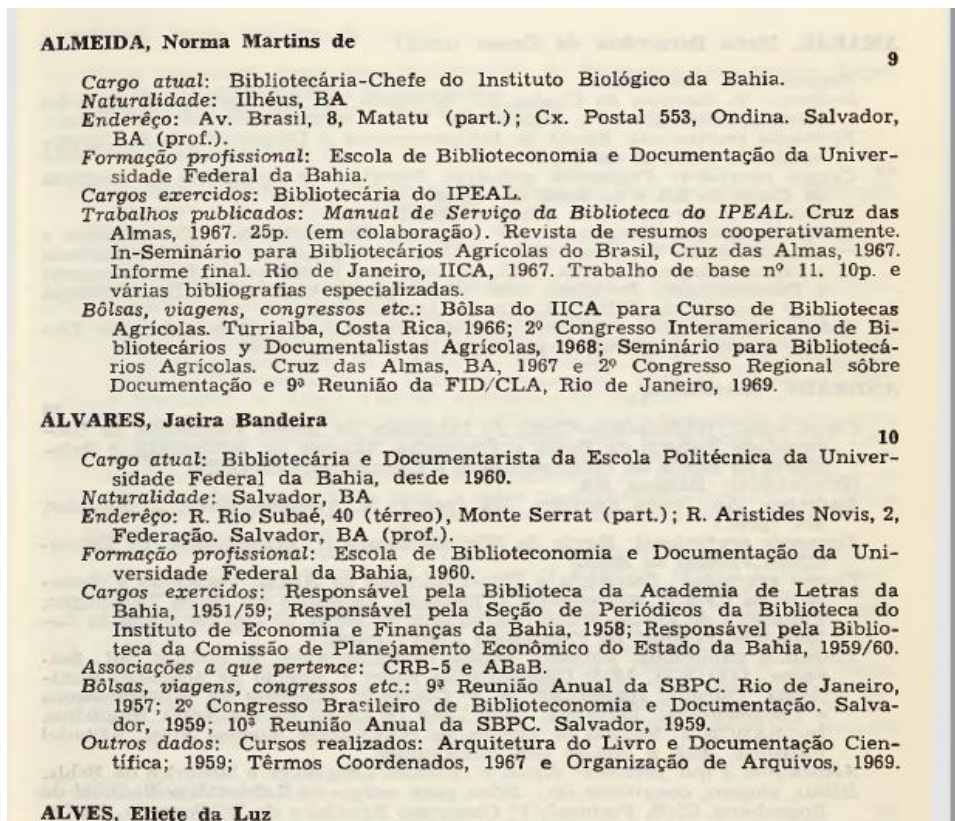
A materialidade documental desta publicação apresenta continuidades e discontinuidades em comparação à obra supracitada do século XVIII. O discurso biobibliográfico expresso pela publicação, diferentemente da anterior, enuncia o objetivo fundamental de produzir indicadores, como poderemos ver a seguir em sua ficha catalográfica. A presença desta preocupação com indicadores diz respeito às métricas que despontavam à época, técnicas de medição de produção dos recursos humanos disponíveis. No entanto, algumas semelhanças são percebidas, como a relação de dados biográficos e bibliográficos.

**Figura 2** – Ficha Catalográfica - Quem é Quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil.



**Fonte:** BRASIL, 1971.



**Figura 3** – Exemplo de registro biobibliográfico.

Fonte: BRASIL, 1971.

As continuidades e descontinuidades expressas por estes documentos se misturam às continuidades e descontinuidades do discurso biobibliográfico, ou ainda à uma ordem do discurso biobibliográfico historicamente tecido como produtor de um horizonte verdadeiro sobre esses sujeitos. Os lugares de fala destes documentos, ou ainda, as instituições que lhes deram origem, possuem objetivos distintos, devido aos seus anseios e demarcações histórico-sociais.

O estudo destas práticas documentárias, proposto por Frohmann (2004), revela implicações históricas fundamentais para entender o processo de apropriação destes documentos pela sociedade. A produção histórica desta tipologia documental se estrutura em uma certa forma de elaborar materialmente a “prova” da realidade social destes indivíduos, posicioná-los em um campo de disputa entre a presença e ausência na realidade através destes documentos. Uma espécie de jogo de poder, ou de luzes e sombras. Ao produzir uma lista de autores ilustres e memoráveis, Nicerou (1734) excluiu outros que não deveriam ser considerados ilustres, nem memoráveis. No Brasil, o IBBD, na década de 70, tenta posicionar os indivíduos dentro do campo de disputa dos recursos humanos disponíveis em Biblioteconomia e Documentação. Através de seus descritores, ou seja, suas formas

metainformacionais de poder lançadas como sombras sobre o papel em branco da página, o “Quem é quem” produz um enunciado daquilo que o bibliotecário e o documentalista devem subjetivamente buscar para que possam posicionar-se no campo. Aqui temos uma espécie de seleção, ou ainda, uma espécie de distinção, se adentrarmos léxico bourdieusiano.

No campo científico brasileiro podemos dizer que o discurso biobibliográfico se concentrou e se consolidou institucionalmente no CNPq nos últimos cinquenta anos e documentalmente através do Currículo Lattes, disponível dentro da Plataforma Lattes, seguindo padrões documentais e discursos científicos já percebidos no século passado por bibliotecários e documentalistas. Os discursos cientométrico, bibliométrico e infométrico estão demasiadamente imbricados no discurso biobibliográfico incutido no Currículo Lattes – são formas constantes não apenas de uma política de controle do desaparecimento de autores, mas de afirmação de seu papel hegemônico dentro do campo, o discurso da consagração.

Reconhecemos, como os estudos bourdieusianos sobre o campo científico demonstram, que estes enunciados são aqueles que fundamentam cientificamente as paisagens institucionalizadas em cada território, em cada campo, como a ciência no Brasil. Seu uso é indispensável para qualquer comunidade científica – trata-se de um de seus mecanismos de proteção e de desenvolvimento. A análise desta prática documentária nos leva a refletir sobre questões como as relações documentárias que este currículo apresenta na atualidade, por exemplo, o sistema DOI (*Digital Object Identifier*) usado para testemunhar a produção de artigos, ou ainda, a recente aproximação do Currículo Lattes com o Orcid, tendendo a um controle biobibliográfico universal a partir de padrões locais interoperáveis.

Além destas, surgem outras questões de reflexão no contexto da ordem do discurso biobibliográfico, como as instituições envolvidas na produção e apropriação destas fontes, sua historicidade, suas afetações na realidade social do pesquisador e de outros sujeitos da ciência, o aprendizado da técnica do sistema. São questões que carecem de maior investigação, a nosso ver, pela comunidade de pesquisas informacionais e documentais. No plano crítico, acreditamos, pois, que tais conformações estão envolvidas por um tipo de discurso específico, o discurso biobibliográfico, um modo socialmente fundado e fundador das relações no campo acadêmico-científico.

#### 4. Considerações finais

Toda construção social da realidade carece de uma organização para que os dispositivos nela operantes possam ser entendidos e percebidos pela comunidade que a experimenta. Acreditamos que as fontes biobibliográficas, presentes em comunidades onde a divisão do conhecimento chega a um nível de distinção das demais, constroem grande parte desta organização. Ou seja, sabendo que a realidade social é tecida através de objetivações e subjetivações por parte dos indivíduos, estes operam divisões fazendo com que os indivíduos se encaixem em grupos ordenados de trabalho. De acordo com a divisão social é feita a distribuição de conhecimento necessário ao desenvolvimento de cada grupo. E é na organização destes grupos específicos que acreditamos operar o conjunto de fontes especializadas de informação sobre os sujeitos, representações do discurso biobibliográfico.

Ao iluminar as relações entre o discurso biobibliográfico e a função social destas fontes de informação no campo, esperamos aprofundar o entendimento das práticas documentárias que estão envolvidas neste processo. Admitimos, pois, que o documento biobibliográfico nos casos apresentados acima rege (controla e organiza) a realidade social dos sujeitos. A dicotomia entre o “quem” e “o que” de Píndaro se reflete na história de um controle biobibliográfico nas vias científicas. Ao objetivar o pesquisador em fontes métricas de informação de produção o transformamos em números tratando-o pela coisa “pesquisador” (o sonho) e pela pergunta “o que?”, evidenciados, tais elementos pelas informações que os representam; suas metainformações são o que ele é (sombra).

Em outras palavras, as biobibliografias, reconhecidas como formações discursivas, ao serem utilizadas como forma de recenseamento, instituem ordenadamente aquilo que o sujeito deve ser ou se tornar. A ordem discurso biobibliográfico (por exemplo, cada categoria disposta no esquema do Currículo Lattes), define aquilo com a qual ele deve sonhar, um rito de conformação do sujeito no campo científico. Cria-se com esse tipo de relacionamento uma forma de sujeição a estas fontes de informação e, portanto, uma preocupação social com a maneira do modo como elas se produzem, se comportam, se atualizam, se relacionam e são apropriadas, ou seja, o modo como se dá a vida social da ordem do discurso biobibliográfico.

## Referências

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. São Paulo: Vozes, 2005.
- BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. **Quem é quem na biblioteconomia e documentação no Brasil**. Rio de Janeiro: IBBD, 1971.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991.
- BURKE. Problemas causados por Gutemberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, jan./abr. 2002.
- CALDEIRA, Paulo da Terra; CARVALHO, Maria de Lourdes Borges de. A importância dos recursos bibliográficos brasileiros para os usuários da informação científica. **Cadernos de Biblioteconomia**, v. 6, n. 01, p. 137-144, 1983. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/3431>>. Acesso em: 13 Jun. 2017.
- CAPURRO, R. What is information science for? a philosophical reflection. *In*: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. In: International Conference for the Celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies, University of Tampere, Finland. 1991. **Proceedings...** London, Los Angeles: TaylorGraham, 1992. p. 82-96.
- CAPURRO, Rafael. [Notas de aula]. Rio de Janeiro, 20 set. 2016.
- CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R.O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- DÍEZ MÉNGUEZ, Isabel Cristina. Las bio-bibliografías: estado actual y metodología. **Cuadernos de Documentación Multimedia**, Madrid, n. 10, p. 67-77, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

FROHMANN, B. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 387-407, win. 2004.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, Mariângela Spotti; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de. **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Fundepe, 2008.

FROHMANN, B. Reference, representation, and the materiality of documents. In: COLÓQUIO CIENTÍFICO INTERNACIONAL DA REDE MUSSI. 2011. **Anais...** Toulouse: Université de Toulouse, 2011.

NICEROU, Jean Paul. **Memoires pour servir a l'histoire des hommes illustres dans la republique des lettres**: un catalogue raisonné de leurs Ouvrages. Paris: [s.n.], 1734.

MALCLÈS, Louise-Noëlle. **La bibliographie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

MALCLÈS, Louise-Noëlle. **Manuel de bibliographie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

OTLET, Paul. **Traité de documenatation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelas: Mundaneum, 1934.

PINDAR. **The odes of Pindar**. John Sandys (trad.). Londres: London Heinemann, 1915. Disponível em: <<https://archive.org/details/odesofpindarsand00pinduoft>>. Acesso em: 23 set. 2017.

ROBERTS, Norman. Social considerations towards a definition of information science. **Journal of Documentation**, v. 32, n. 4, p. 249-257, dec. 1976.

VIANNA, Márcia Milton; MARQUES JÚNIOR, Alaôr Messias. Fontes biográficas. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra. **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 43-52.

Artigo submetido em: 30 nov. 2018

Artigo aceito em: 11 dez. 2019

---

<sup>i</sup> Agradecimentos:

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).